

LUANA CAMPARA TALASCA

GÊNERO, IDENTIDADE E DIFERENÇA NO ROMANCE
JANE EYRE

PORTO ALEGRE

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS MODERNAS
SETOR DE INGLÊS

**GÊNERO, IDENTIDADE E DIFERENÇA NO
ROMANCE *JANE EYRE***

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Universidade Federal do Rio Grande do Sul
para obtenção do grau de Licenciada em Letras

Autora: Luana Campara Talasca
Orientadora: Sandra Sirangelo Maggio

Porto Alegre
2014

FICHA CATALOGRÁFICA

TALASCA, Luana Campara. GÊNERO, IDENTIDADE E DIFERENÇA NO ROMANCE JANE EYRE.

Luana Campara Talasca. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 2014. 38 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura – Instituto de Letras)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

AGRADECIMENTOS

Ao meu saudoso pai, que mesmo distante tenho certeza que foi ponto fundamental para que esta conquista acontecesse. Tenho certeza de que ele por diversas vezes deve ter intercedido junto a Deus para que eu tivesse força e determinação para nunca desistir de meus objetivos.

À minha incentivadora e sempre presente mãe, pois sem ela nada disso aconteceria. Obrigada por todos os recursos e paciência que tiveste comigo durante todos esses anos de graduação. E perdão por todo o stress e preocupação que causei, tenho certeza que não deve ter sido fácil me apoiar e estar ao meu lado durante esses cinco anos.

À minha querida orientadora Sandra Maggio por todo o suporte durante este trabalho. Obrigada por ser sempre tão atenciosa e paciente comigo.

Aos meus amigos queridos, que sempre estiveram ao meu lado, não só durante este processo, Bruna Morelo, Luana Lamberti, Luiene Veloso, Simone Rodrigues, Roberta Silva, Rodrigo Lemos Pedroso; e meu grupo ainda formado no Ensino Médio intitulado “Nozes”.

À minha já saudosa equipe de trabalho da BIBECO. Obrigada por todo o suporte e companheirismo. Tenho certeza que será muito difícil encontrar colegas tão especiais quanto vocês.

E um agradecimento especial a uma das pessoas que mais me apoiou e esteve comigo durante esses últimos anos de graduação. Obrigada por me respeitar, me ajudar e estar sempre ao meu lado, Luciane Xavier Antunes.

*His merits in her presence grow,
To match the promise in her eyes,
And round her happy footsteps blow
The authentic airs of paradise.*

Coventry Paltmore, *The Angel in the House*

RESUMO

Quando foi lançado, em 1847, o romance *Jane Eyre* teve muitas de suas características condenadas pela crítica literária da época. A maneira como as emoções eram retratadas pelos personagens e, principalmente, o tipo de figura da mulher representada pela protagonista foram considerados inapropriados pelos analistas vitorianos. Durante muitas décadas, acreditou-se que a obra não deixava transparecer o contexto histórico no qual se inseria, ou que a autora não tinha conhecimento do que estava acontecendo a sua volta. Foi apenas com uma mudança de perspectiva e recepção por parte da crítica literária, ocorridas nas últimas décadas do século XX, que muito do que até então parecia invisível começou a ser compreendido. Dessa forma, o objetivo do presente trabalho é apresentar uma leitura de *Jane Eyre* com vistas a desfazer esta impressão errônea sobre a acuidade histórica do romance. A metodologia utilizada consiste em identificar os pontos que desagradam a crítica vitoriana de modo a confrontá-los, aplicando conceitos propostos por Sandra Gilbert e Susan Gubar sobre estudos de gêneros. O objetivo é verificar em que medida as ações e as visões de mundo de determinados personagens, principalmente as da protagonista – contrariavam a ética de sua época – refletem e representam a sua maneira o momento histórico no qual a obra foi concebida. O foco do recorte efetuado recai sobre a figura do *Anjo do lar*.

Palavras-chave: Charlotte Brontë. *Jane Eyre*. Crítica Literária. Estudo de Gêneros. Recepção. Anjo do lar.

ABSTRACT

When it was first published, in 1847, the novel *Jane Eyre* was condemned by literary critics of the time. The way the emotions were presented by the characters and mainly the behaviour and ideology of the protagonist, were deemed inappropriate by Victorians patterns. For more than one century it was believed that the work did not reflect the historical context from which derived, and that the author had no idea what was going on around her in her time. It was only after a change in critical perspective and reception – which took place in the last decades of the twentieth century – that much of what hitherto seemed invisible began to be understood. Thus, the aim of this work is to present a reading of *Jane Eyre* meant to undo this wrong impression about the historical accuracy of the novel. The methodology consists of identifying the points that fail to meet the Victorian expectations, so as to confront them with some concepts on gender studies proposed by Sandra Gilbert and Susan Gubar. The intention is to verify on what terms the actions and worldviews of certain characters, especially the protagonist, challenge the ethics of their time, and reveal some further aspects of the historical moment they are imbedded in. The focus of the analysis centers on the image of the *Angel in the house*.

Keywords: Charlotte Brontë. *Jane Eyre*. Literary Criticism. Gender Studies. Reception. Angel in the house.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A ERA VITORIANA (1837- 1901)	12
1.1 O CASAMENTO E A FAMÍLIA: A mulher como anjo do lar	13
2 JANE EYRE	17
2.1 CRÍTICAS AO ROMANCE E A REPRESENTAÇÃO DE GÊNEROS	17
2.1.1 GATESHEAD HALL	19
2.1.2 LOWOOD	21
2.1.3 THORNFIELD HALL	22
2.1.4 MARSH END	25
2.2 SANDRA GILBERT E SUSAN GUBAR: Madwoman in the Attic e Bertha Mason.....	26
2.3 CHARLOTTE BRONTË, ANJO DO LAR E A REPRESENTAÇÃO EM JANE EYRE.....	29
CONCLUSÃO.....	33
REFERÊNCIAS	37
REFERÊNCIA DE IMAGENS	39
ANEXO.....	40

INTRODUÇÃO

Jane Eyre é um romance que foi publicado em 1847 pela escritora vitoriana Charlotte Brontë. Assim que tive contato com a obra, me apaixonei prontamente. Trata-se de um livro com diversos aspectos intrigantes e envolventes, que provocaram muita especulação no século XIX. Dentre eles, ressalto o misticismo, os aspectos góticos, os traços românticos e um tipo de narrativa que provocou polêmica entre os críticos da época, muitos dos quais criticaram a obra por falta de acuidade para com o período histórico que foi escrito.

O romance foi escrito e publicado em plena Era Vitoriana, uma época caracterizada por grandes paradoxos, entre eles o conflito entre valores puritanos¹ moralistas tradicionais que coexistiam com os avanços econômicos, principalmente no ramo industrial e com a agressividade dos novos modos trazidos pela sociedade capitalista de consumo.

Desde que comecei a estudar a obra *Jane Eyre*, pude perceber que se tratava de uma obra atípica. Trazia um personagem principal extremamente opinático, diferente das mocinhas caracterizadas na literatura durante aquele período. A obra conta a história de uma menina órfã que por consequência da vida teve de ser criada pela sua tia, Mrs. Reed, com seus primos Georgiana, Eliza e John Reed. Jane era maltratada por essa família, já que sua tia a via como um fardo a ser carregado. Acredito que, por conta de todos os maus-tratos sofridos durante a sua infância em Gateshead Hall, seu local de criação, e durante também outros percalços mostrados na obra, Jane foi crescendo com uma personalidade extremamente forte e independente, coisa que não se coadunava com o comportamento esperado de uma mulher típica daquela época.

Então, assim que li este livro, em uma das cadeiras de Literatura Inglesa ministrada pela minha querida orientadora Sandra Maggio, percebi na hora que era este o estudo que gostaria de aprofundar no meu Trabalho de Conclusão de Curso. Dentre os diversos assuntos interessantes que brotam deste livro, me voltei de forma especial para um que, ao meu ver, ainda tem muito a ser tratado mesmo hoje em dia: o papel dos gêneros na obra, principalmente o feminino, e a fidelidade que os mesmos devem prestar para com o período em que se inscrevem. Ou seja, não será exatamente a história de Jane Eyre o que será abordado aqui. Percorrerei o romance levantando questões ligadas ao tema dos estudos de

¹ Puritano é um termo que indica algo rígido e intolerante, e é relacionado ao movimento Puritanismo que ocorreu na Inglaterra durante o século XVII. Foi um movimento de protestantes que visavam uma reforma completa na igreja da Inglaterra. O puritanismo (com referência direta do calvinismo) rejeitava tanto a Igreja Romana quanto a Anglicana.

gêneros; e é claro que para isso alguns temas do enredo serão abordados, mas sem serem o foco principal do trabalho.

Sendo assim, esta pesquisa começa por analisar a recepção que o livro *Jane Eyre* teve assim que foi publicado, em 1847 – que não foi nada simpática à obra. O romance foi atacado por conta da natureza e das atitudes de sua protagonista, que se distanciavam do modelo vitoriano de comportamento feminino, a figura do *Anjo do Lar*. Este termo – que é encontrado na epígrafe geral deste trabalho – foi cunhado a partir do poema “The Angel in the House”², de Coventry Paltmore. O poema exalta a figura feminina, no caso a da esposa, como um ser abençoado, com funções sagradas dentro de um lar e em uma família. No trecho em questão, a figura feminina é apresentada como sagrada, como uma forma de aproximação de Deus, um atalho para o paraíso. Através dela e de sua virtude, se poderia chegar aos céus mais facilmente.

O livro foi criticado justamente por não representar este ideal feminino do período em que havia sido escrito. Por simplesmente não apresentar personagens cumprindo papéis de gêneros “representativos” daquela época. Para combater estas críticas e mostrar o quanto os papéis femininos (principalmente) e os masculinos presentes em *Jane Eyre* representam aspectos da realidade vitoriana que não convinha serem divulgados, farei observações sobre o comportamento de uma série de personagens encontrados na obra, apontando os conflitos que possam existir por detrás deles. Para tratar especificamente sobre a imagem do *Anjo do Lar*, e porque *Jane Eyre* parece não combinar com ele, contarei com o auxílio das pesquisadoras de gêneros em obras de autoras femininas vitorianas Sandra Gilbert e Susan Gubar. Meu objetivo é ressaltar que não concordo com a posição dos críticos do século XIX e explicar por quê. Acredito que os papéis de gêneros da obra *Jane Eyre* são muito representativos de certos segmentos daquela sociedade, porém segmentos que não convinha serem reconhecidos.

Deste modo, o trabalho tratará sobre a recepção que *Jane Eyre* teve quando foi publicado pela primeira vez, em pleno século XIX, pelos críticos vitorianos. Esta recepção será contrastada com a nossa visão contemporânea³, que será apresentada com auxílio do ponto de vista apresentado por Sandra Gilbert e Susan Gubar, e por mim, é claro, a autora deste trabalho. Como lastro teórico para a forma em que é utilizado aqui o termo recepção, me amparo no pensamento de Hans Robert Jauss.

O trabalho inicia por investigar o porquê de tantas críticas sofridas pelo romance no século XIX. Ou seja, é necessário analisar a época em que o romance foi escrito para que eu

² O trecho completo da epígrafe abordada neste trabalho encontra-se em anexo.

³ Contemporâneo aqui no sentido de ponto de recepção dos leitores do século XXI.

possa reforçar a minha hipótese de que os papéis de gêneros apresentados em *Jane Eyre* são de fato representativos da era Vitoriana.

Iniciarei apresentando o estereótipo de mulher defendido pela era Vitoriana, a mulher que cumpre a função de *Anjo do Lar*. Digo defendida pela rainha porque existiam vários outros perfis de mulher naquele século, as que lutaram por direitos igualitários, as que exigiam direito ao voto, as prostitutas, as que não seguiam nenhum padrão. No entanto, apesar de existirem, não eram contempladas no cânone social vitoriano. Quero realmente fazer um contraponto e ao mesmo tempo buscar semelhanças entre duas personalidades, entre a protagonista da obra *Jane Eyre* e a mulher criada pela sociedade vitoriana, a dona de casa *Anjo do Lar*. Esta discussão conduz às questões do casamento e da família, instituições preciosas na Inglaterra Vitoriana, que se amparavam na noção do *Anjo do Lar*. Ou seja, é somente adentrando este universo que poderemos entender a importância deste estereótipo de mulher. Para esta análise, contarei com o auxílio do autor Alan MacFarlane, que pesquisou a história do casamento na Inglaterra entre os anos de 1300 a 1840.

A discussão empreendida buscará sempre cenas e exemplos na obra em si, a partir da qual será realizada a minha análise sobre os papéis de gênero. Iniciarei elencando algumas críticas vitorianas em detrimento ao romance *Jane Eyre*, e em seguida as confrontarei. Primeiramente, tratarei sobre personagens variados encontrados na obra, reservando a discussão da dupla Jane Eyre e Bertha Mason para a etapa seguinte, por se tratar de personagens com alto grau de complexidade e que pedem uma análise mais detalhada.

Utilizarei como minha base teórico-crítica o capítulo sobre *Jane Eyre* do livro de Susan Gubar e Sandra Gilbert, *Madwoman in the Attic*, que é extremamente útil para o trato do personagem intrigante Bertha Mason. Apresento também opiniões dessas autoras sobre o tema discutido e pontos da análise magistral que fazem sobre *Jane Eyre*, na qual Bertha Mason é tratada como sendo um alterego de Jane Eyre. Esta relação entre Bertha e Jane é muito importante para que também possamos entender de quantas maneiras, e como, os sentimentos podem ou não serem expressos.

Em certos momentos, tomarei a liberdade de me referir também à situação da autora da obra, Charlotte Brontë, em sua relação com o papel de *Anjo do Lar*, pois há uma clivagem interessante em como essa moça recatada vitoriana se comporta em sua vida pessoal e o turbilhão de revolta e emoções que compõe *Jane Eyre*.

1 A ERA VITORIANA (1837- 1901)



Imagem 1:

Quadro feito pelo artista John O' Brien. Ele retratava o recato, a vulnerabilidade, a fraqueza e a repressão sofrida por essas mulheres através das roupas e expressões na pintura. O espartilho, por exemplo, já se tratava de uma forma de repressão, pois, fazia mal à coluna das jovens e prejudicava também a respiração.

O período vitoriano destacou-se por ser peculiar em diversos pontos. A Rainha Vitória governou por 64 anos, muito mais tempo do que a maioria dos governantes ingleses. Ela é retratada como uma monarca idolatrada por todos, que a viam como uma rainha extremamente acolhedora, ligada ao povo e de grande competência. Durante seu reinado, o país prosperou em diversos quesitos, como no ramo industrial, no comércio exterior, na cultura, pois coincidiu com o movimento da *Belle Époque*⁴ que ocorreu em toda a Europa. A literatura ocupou espaço de relevo durante este governo, em que houve também reformas políticas e sociais e movimentações sociais entre as classes.

Cabe ressaltar que apesar dessas transformações econômicas, sociais e políticas que aconteceram na Inglaterra durante esse período, a postura social incentivada era totalmente moralista e disciplinada. Seguiam-se regras extremamente rígidas, que se fossem quebradas demandariam forte represália. A fé, ligada à Igreja, à família e ao casamento eram os tesouros incorruptíveis que formavam a base dessa sociedade revolucionária e tão desenvolvida. Quem fugisse dos padrões deveria ser punido sem clemência. Era isso o que acontecia com os homossexuais, as prostitutas, as mulheres que não casavam e se tornavam um fardo a ser carregado, dentre outros “excluídos” da sociedade. Portanto, não foi à toa que o romance *Jane Eyre* foi considerado tão pernicioso.

⁴*Belle Époque*- nome originalmente francês que significa Bela Época. Movimento cultural que eclodiu na Europa na segunda metade do século XIX e durou até a Primeira Guerra Mundial (1914). Foi um movimento com grande influência na Literatura, na arte e na vida social e cotidiana das pessoas.

1.1 O CASAMENTO E A FAMÍLIA: A MULHER COMO ANJO DO LAR

Apresento nesta seção características relevantes sobre o estereótipo de mulher criado durante o reinado da rainha Vitória na Inglaterra. Não interessa tanto enfatizar neste momento toda a variedade de tipos de mulheres, que eram muitos, e com ideais diferentes, mas sim, apontar o contexto em que se gerou o estereótipo do *Anjo do Lar*. O Professor Elvio Funck afirma que:

Quando Vitória subiu ao trono, em 1837, a Inglaterra perdeu a jurisdição política sobre Hanover, pois naquele principado alemão vigorava a Lei Sálica⁵, que não permitia que uma mulher assumisse a soberania. Quem assumiu o comando de Hanover, que se tornou um reino em 1815, foi o tio de Vitória, Ernesto, Duque de Cumberland, filho de Jorge III. (FUNCK, 2012, p. 319)

Portanto, a rainha Vitória já assumiu um governo com costumes estereotipados. O casamento como união pura e indissolúvel, a mulher totalmente santificada, o respeito e devoção perante a religião e o apreço pela moral e os bons costumes eram regras há muito tempo inseridas naquela sociedade. Como afirmei acima, além das mulheres padrão vitorianas, cujas características veremos a seguir, existiam também outras habitantes na Inglaterra do século XIX. Havia as mulheres que queriam lutar por seus direitos, as que não seguiam regras, as que respeitavam as regras e viviam de maneira submissa, enfim, vários tipos de mulheres em uma só sociedade. E dentre todos esses tipos diferentes, rapidamente dou o exemplo da enfermeira Florence Nightingale, uma figura bem importante do século XIX e que foi também abordada no livro de Elvio Funck, *Breve História da Inglaterra* (FUNCK, 2012). Ela fazia parte das que lutavam por seus direitos e não tinha medo de repreensões. Florence Nightingale se diferenciava do perfil da mulher “típico” vitoriano porque não seguia os padrões da época, era uma das defensoras da emancipação feminina naquele século. A própria Rainha Vitória, de forma sutil, apoiava a causa do feminismo, já que o governo Vitoriano não era de todo opressor quando se tratavam de outros temas que não o casamento ou a família. Foi um governo marcado por várias revoluções, tanto econômicas quanto culturais. Porém, a emancipação feminina não era um movimento visto com bons

⁵ Uma lei que foi primeiramente institucionalizada no Norte da França e da Bélgica, feita para tomar conta de todos os aspectos de uma sociedade, inclusive estabelecendo punições e indenizações caso necessário também. Porém, com o tempo o sentido dessa lei foi modificando-se tratando diretamente de regras de sucessão aos tronos.

olhos pelo resto da corte e da sociedade Inglesa. Funck (2012) afirma ainda sobre Nightingale: “Sua atitude era completamente contrária às convenções sociais da época, segundo as quais o lugar da mulher era a casa, cuidando de marido e filhos, da criadagem e da harmonia do lar.” (FUNCK, 2012, p.331)

A sociedade vitoriana, como afirmei, era muito próspera no ramo econômico e cultural, porém, sua evolução parecia não surtir tanto efeito em outros ramos daquela sociedade. O governo vitoriano caracterizava-se por ser puritano, moralista e defensor dos bons costumes. Qualquer que fosse a ameaça a esses costumes, deveria ser combatida prontamente. A Rainha Vitória contava com a ajuda de uma figura vista como inalcançável e da mais pura nobreza para ajudar a combater todas essas possíveis ameaças, a mulher Vitoriana, mais conhecida como *Anjo do Lar*. Como no poema de Patmore, a mulher era apresentada como um ser da mais pura nobreza, sempre devotada ao marido e que exercia com maestria a função de proteger a sua família de qualquer mal. Monteiro (1998) já dizia: “Uma base que refletisse solidez e estabilidade. Esta base, naturalmente, era o lar, e como seu representante elegeu-se alguém com as qualidades de guardião da moral e da castidade. A exigência de um anjo do lar fez nascer a mulher vitoriana” (MONTEIRO, 1998).

A mulher vitoriana era o símbolo da pureza no século XIX. Cada qual dentro das exigências de sua classe social, as meninas, desde pequenas, eram ensinadas a lidar com as tarefas de uma boa dona de casa. As mais abonadas aprendiam a tocar piano, falar línguas estrangeiras e entreter conversações. As mais simples aprendiam a costurar, cozinhar e a ajudar a poupar dinheiro. Todas eram tarefas domésticas importantes para comandar um lar e para serem as “subchefes” de família. Tratava-se de um sistema patriarcal. Nas classes aristocráticas, cabia ao homem administrar a propriedade. Nas classes trabalhadoras, o homem saía para trabalhar e a esposa ficava em casa, administrando o lar e tomando conta da família. Muitas vezes, porém, não era essa “subchefe” de família que passava os ensinamentos adiante. As famílias da classe média alta costumavam contratar preceptoras e governantas para essas tarefas. Assim como Jane foi contratada para trabalhar em Thornfield, ensinando Adèle. A própria Rainha Vitória esteve sob os cuidados de uma preceptora quando jovem:

Tanto a mãe como a preceptora eram de extremo rigor e exigiam disciplina militar da jovem princesa, o que terá marcado profundamente sua vida íntima e, provavelmente, moldado aquela rainha de rosto pouco risonho, além de reforçar as bases da moralidade conhecida como “Vitoriana”. Conta-se que naqueles dias a palavra *leg*(perna) era considerada obscena por evocar maus pensamentos, e que até as pernas dos pianos eram cuidadosamente cobertas. (FUNCK, 2012, p. 321)

As preceptoras em questão são as moças que na época não possuíam uma renda alta, diferentemente das *Anjos do Lar*, que não precisavam trabalhar fora. Já que não possuíam dote para um casamento, eram forçadas a trabalhar para se sustentar. O que não impedia que um casamento viesse a acontecer posteriormente, mas elas não tinham muito a oferecer aos noivos além de seu amor e companheirismo.

A mulher vitoriana em geral sofria de muita repressão por parte da sociedade. Elas tinham um caminho a traçar; caso desviassem, já eram vistas com maus olhos. Por serem desde muito pequenas destinadas a certas tarefas, eram vistas como incapazes para realizar outros tipos de trabalho. O que parecia contraditório, tendo em vista que a Inglaterra era governada por uma mulher. É sabido que a Rainha Vitória não governava sozinha, pedia geralmente o aval de seu marido, príncipe Albert, para muitas de suas decisões, mas mesmo assim era uma mulher de muita personalidade e decisões fortes. Até porque quando o seu marido veio a falecer ela continuou governando com mãos firmes o Reino Unido.

Segundo MacFarlane (1990), a Inglaterra sempre diferiu do restante da Europa por sua maneira peculiar de ver o casamento. Por muito tempo, durante o século XVII, evitava-se casar cedo por questões econômicas; os filhos não eram vistos como necessariamente uma salvação na velhice, as moças não precisavam ter o aval dos pais para que pudessem casar, e o amor geralmente falava mais alto na hora de escolher o parceiro. Porém, durante a era Vitoriana, quando a ordem perante tudo era muito valorizada, o que geralmente acontecia era o famoso casamento arranjado pela família. A escolha era pelo noivo que possuísse maior riqueza, que ocupasse a melhor posição na sociedade, e as uniões dificilmente selavam-se com base no amor.

O casamento durante o século XIX era sinônimo de estabilidade. Qualquer que fosse a jovem que quisesse ter uma vida confortável e estável buscava esse recurso como solução. Muitas moças viam o casamento como uma solução para escapar de tanta repressão e rebaixamento a que eram expostas. O casamento assim representava a estabilidade tão almejada. Todavia, a posição submissa imposta à mulher pela sociedade não mudava muito quando se uniam a um parceiro.

Geralmente é o casamento que confere a condição adulta à mulher, mas na Inglaterra não era bem esse o caso. Ela já gozava de liberdade e independência antes do casamento. Este podia dar-lhe um novo status, permitindo que ela se sentasse à mesa numa posição melhor do que as irmãs “solteironas” ou que vestisse determinadas

roupas, mas com relação ao homem ela se tornava, a bem dizer, um súdito. (1990. p.160)

Os papéis do homem e da mulher desde os primórdios sempre foram muito bem estabelecidos e definidos. Na sociedade ocidental patriarcal, coube ao homem a função econômica de sustentar o lar em que vive, assim como estar presente como chefe de família. A mulher, por sua vez, tem a função de proteger o lar, quando este homem está fora, de todo o mal que possa existir. Para que sejam alçadas à condição de *Anjos do Lar*, as mulheres, desde cedo, são instruídas a procurar um bom partido para que se estabeleça uma aliança conveniente para ambas as famílias envolvidas. Até mesmo por força deste estereótipo de legítimas donas de casa, elas eram vistas pela sociedade em geral como incapazes de trabalhar e trazer também sustento para a sua família. Como dito anteriormente, havia exceções, mas essas mulheres não eram consideradas membros respeitáveis da comunidade. Até mesmo alguém como Florence Nightingale não deixava de ser uma infratora, pois fugiu aos deveres sagrados do casamento e do lar, quando era sabido que uma mulher de respeito devia ficar em casa cuidando do lar e dos filhos. Ela, contudo, preferiu a atitude romântica de seguir sua carreira e seus ideais.

Para seguir seus ideais de enfermeira dedicada e também para demonstrar que uma mulher pode viver uma vida independente, Florence, que era inteligente e atraente, sacrificou aquilo que, na época, era considerado como a maior realização da mulher, o casamento. (FUNCK, 2012. p. 331)

A Rainha Vitória parecia demonstrar orgulho do sistema que seu governo tinha perante essa “sociedade incorruptível”, de como eram tratados o casamento e a família. Ambos eram sagrados e deveriam ser muito bem estruturados, como era também sua corte, totalmente moralista e regrada.

2 JANE EYRE



Imagem 2:

Imagem retirada da última adaptação feita de *Jane Eyre* para o cinema, lançada em 2011 com direção de Cary Fukunaga. Mia Wasikowska no papel de Jane e Michael Fassbender no papel de Mr. Rochester

2.1 CRÍTICAS AO ROMANCE E À REPRESENTAÇÃO DE GÊNEROS

O romance *Jane Eyre* foi alvo de críticas desde o momento em que foi publicado – críticas aos personagens, à representação de emoções sentidas pelos mesmos e ao mau exemplo que as atitudes da protagonista ofereciam para os leitores. Dizia Rigby sobre o autor Currer Bell (pseudônimo de Brontë): “[Quem quer que seja Currer Bell], é uma pessoa que, com grandes poderes mentais, combina um total desconhecimento dos hábitos da sociedade, um grande aspereza de paladar, e uma doutrina religiosa pagã.”⁶

Esses julgamentos negativos diziam respeito a todo o livro, mas voltavam-se principalmente contra a protagonista Jane Eyre, que possuía uma personalidade peculiar, atípica para aquele século em que se idolatrava a figura do *Anjo do Lar*. A menina chocava em diversos aspectos, como na maneira como Jane confronta a sexualidade masculina durante toda a obra. Era nítida a recusa dela em seguir costumes da época, sendo assim, ela era vista como um perigo eminente para a sociedade. Ela não seguia padrões, não tinha uma visão

⁶Tradução minha de: “[Whoever Currer Bell may be], it is a person who, with great mental powers, combines a total ignorance of the habits of society, a great coarseness of taste, and a heathenish doctrine of religion”. (QUARTERLY REVIEW, 1848).

conservadora do casamento, por exemplo, lhe causava incômodo a ideia de usar o sobrenome do marido, como se fosse perder sua personalidade se isso acontecesse. Elizabeth Rigby (1848), em *The Quarterly Review*, enfatiza o que ela e outros críticos, como Anne Mozley e Mrs. Oliphant, na época achavam desse personagem tão intrigante: “Jane é a personificação de um espírito degenerado e indisciplinado.”⁷. (THE QUARTERLY REVIEW, 1848). Essas opiniões semelhantes e conjuntas acerca da obra podem ser explicadas pela teoria da recepção. Afinal, uma obra como *Jane Eyre*, em pleno século XIX, não poderia ser “recebida” senão com críticas. Jauss (1994) afirma:

[...] a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de seu posicionamento no contexto sucessório no desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto á posteridade. (JAUSS, 1994, p.8)

Jane Eyre (1847) é produto da era vitoriana. Muitos críticos achavam falhas no romance porque diziam que ele não retratava fielmente os costumes e ambientes da época em que viviam. Porém, se analisarmos os papéis de gênero presentes na obra e observarmos de quais características eles se compõem perceberemos que os costumes e aspectos históricos estão presentes ali.

Não quero dizer que o romance em si já não faça um belo retrato do seu tempo. Porém, nesta seção procurarei apontar alguns personagens e como eles ilustram esta situação de rebeldia. Apresentarei a seguir alguns personagens da obra e suas respectivas características vitorianas para contrapor as críticas de que os mesmos não representavam àquela era e analisarei também como certos personagens da obra se comportam em relação à figura *anjo do lar*. Fazendo isso, poderemos explorar um pouco do enredo dessa obra em ligação com outros aspectos históricos importantes relacionados. Seguirei uma análise temporal do livro, primeiro apontando personagens importantes de Gateshead Hall, passando depois por Lowood, Thornfield Hall e Marsh End. Não tratarei sobre Ferndean, porque este é o território em que todas as questões de Jane se encontram resolvidas, inclusive as questões de gênero (apesar do fato de muitos críticos posteriores aos do período analisado se referirem à crueldade com que a desigualdade entre Rochester e Jane é resolvida. Mas isso seria assunto para um outro estudo).

⁷Tradução minha de: “*Jane Eyre is throughout the personification of an unregenerate and undisciplined spirit.*”

2.1.1 GATESHEAD HALL

Começo pelo personagem Mrs. Reed. Tia de Jane, Reed não aceita o “fardo” de ter de tomar conta da sua sobrinha. A Senhora Reed não gosta da sua sobrinha pelo simples fato de seu marido nutrir uma grande afeição pela irmã e pela filha da mesma, aparentando assim, gostar mais dela do que de seus próprios filhos o que não era verdade. Após a morte da irmã e do cunhado, ele ficou incumbido da tarefa de tomar conta da menina. Porém, o Senhor Reed veio a falecer e deixou sua mulher responsável pela pequena órfã. A preocupação exacerbada do marido com a menina, as circunstâncias em que ela foi parar em sua casa e a pouca ligação com Jane serviram de desculpa para a Senhora Reed tratar de forma rígida e vista como muitas vezes cruel a sua sobrinha Jane Eyre. “Eu não ousava cometer falta alguma; esforçava-me por cumprir todos os deveres; e era chamada de desobediente e chata, rabugenta e traiçoeira, de manhã ao meio dia, de meio- dia à noite”. (BRONTË, 1985, p. 21).

O fato de ter que cuidar da sua sobrinha mesmo não a suportando era típico de famílias na época. O grau de parentesco (família) era um fator muito respeitado na Era Vitoriana, ou seja, mesmo não gostando da menina, teve que assumir essa responsabilidade, porque isso é o que se esperava que um *Anjo do Lar* fizesse. A forma irônica com que toda esta parte da narrativa é construída, ao invés de ratificar o conceito em questão, traz à tona o que passou a ser conhecido mais tarde como a hipocrisia vitoriana, associada à ideia de que as aparências precisavam ser mantidas a qualquer preço. Cada lar vitoriano deveria parecer, para quem olhasse de fora, um paraíso de felicidade, aconchego e harmonia, mesmo que as pessoas que vivessem dentro dele estivessem na verdade destruindo umas às outras.

Não menos importante é o legado deixado pelos falecidos pais de Jane. Ambos se recusaram a cumprir os papéis sociais que lhes eram impostos. O pai, um pároco provinciano, transgrediu todas as normas ao casar-se com uma moça de classe social superior a sua; enquanto que a mãe de Jane, numa atitude romântica e individualista, abandonou a família, deixando de cumprir o papel que era esperado dela, que deveria se colocar à disposição dos interesses do grupo fazendo um casamento conveniente e que fosse considerado digno de sua posição social.

Temos então os três primos. John Reed, por ser o único homem, é o herdeiro da propriedade. Ele era um verdadeiro carrasco com Jane; simplesmente não a suportava, e nem ela a ele. Os piores castigos que Jane sofreu em Gateshead Hall foram frutos das brigas que teve com o primo implicante. Independente de quem fosse o culpado pelas desavenças, fica

bem claro que Jane não estava disposta a dispensar ao primo o respeito e a obediência que – por ser o futuro senhor de Gateshead – ele acreditava que lhe eram devidos. Já adulto, John Reed teve um fim trágico, envolvendo-se em confusões (que envolviam dinheiro). Acabou por dilapidar todo o patrimônio da família, o que fez com que se suicidasse no final. Certamente não era esse o papel esperado de um herdeiro de uma propriedade ancestral, que deveria preservá-la e entregá-la intacta, ao fim da vida, para o próximo nome na linha de sucessão.

Georgiana e Eliza eram as primas de Jane. Elas eram o oposto da menina. Tratadas como rainhas por todos, não costumavam misturar-se com ninguém, especialmente com Jane. Georgiana era a mais bonita e a mais artificial e vazia das irmãs. Eliza também nutria certa beleza, porém, nada comparado à de Georgiana. Eliza tinha um comportamento diferente do de sua irmã, era mais introspectiva e reservada. Não se dava a futilidades. O destino dessas duas irmãs, em minha opinião, é um dos mais representativos da Era Vitoriana. Georgiana teve um destino esperado para as damas nobres da época que possuíam beleza mas não muitos recursos econômicos. Depois da bancarrota da família, viu-se forçada a fazer um casamento qualquer, com um homem velho e abastado, de quem não gostava. Utilizando-se do único trunfo que possuía, sua beleza física, conseguiu encontrar um porto seguro, o que é o máximo que se poderia desejar naquelas circunstâncias. Já Eliza teve um destino diferente, e acabou sendo acolhida em um convento e fazendo votos religiosos – não por vocação ou por escolha pessoal -, mas como estratégia de sobrevivência.

Bessie, a empregada de Gateshead Hall, dentro de todas as suas limitações – era a única a demonstrar certa afeição pela menina. Porém, nunca tomou partido da pequena. Acredito que pela posição que ocupava na casa ela não se atrevia a ir contra a sua patroa. Até porque não concordava muitas vezes com o comportamento acalorado de Jane, que era uma menina de personalidade muito forte. Bessie era a pessoa que de quem Jane mais gostava na casa, e também a única que se importava nem que fosse um pouco com os sentimentos da menina.

Quando era assim bondosa, Bessie me parecia a melhor, a mais bonita, a mais bondosa pessoa do mundo; e eu desejava intensamente que ela sempre fosse tão agradável ou amigável, e jamais me apoquentasse, ou ralhasse comigo, ou me sobrecarregasse de trabalho, como muitas vezes costumava fazer. (BRONTE, 1985, p. 38)

Como *Jane Eyre* é uma construção romântica, os destinos dos personagens têm muito a ver com como eles tratam ou não a protagonista. John Reed, Georgiana, Eliza e a Senhora Reed são todos de um modo ou outro castigados ao longo da narrativa. Bessie, por sua vez,

casa com o porteiro de Gateshead e – de certa forma – consegue realmente construir um lar feliz e que se aproxima do tão almejado conceito do *Anjo do Lar*.

2.1.2 LOWOOD

Nesta seção conhecemos o Reverendo Brocklehurst, uma figura imponente e altiva que causava medo às meninas. Ele era o diretor da escola onde Jane passou oito anos de sua vida. Lowood era uma instituição para carentes, bancada por membros da comunidade e por parentes das internas. Lá as meninas aprendiam várias habilidades que seriam necessárias para exercerem uma profissão em suas vidas adultas. Quando a apresentou ao diretor, a Senhora Reed frisou que Jane era falsa e mentirosa, e que precisaria ser controlada quanto a esses aspectos.

O Reverendo Brocklehurst, como personagem, foi construído como uma caricatura, personificando o traço da hipocrisia vitoriana. Entre outras circunstâncias, isso ficava claro no contraste visível entre a forma como eram tratadas as suas filhas – criadas para serem a atração dos salões de baile – e as meninas órfãs de sua instituição, que passavam por tantas necessidades. A comida de Lowood era escassa e ruim, as cobertas não davam conta do frio da região, de forma que muitas crianças morriam por doenças contraídas na escola, pela umidade no Inverno, por falta de estrutura na escola e por desnutrição. Brocklehurst não parecia dar-se conta da cota de responsabilidade que tinha naquele fracasso. Atribuía os acontecimentos ao acaso e à vontade de Deus, e continuava usando os mandamentos da Igreja para cobrir e justificar as suas crueldades para com todos. E assim deveriam agir muitos outros diretores e beatas da época. Como ele mesmo dizia:

Meu plano, ao educar essas meninas, não é acostamá-las a hábitos de luxo e indulgência, mas torná-las duras, pacientes, resignadas. Se ocorrer alguma decepção acidental do apetite, como uma refeição estragada, tempero a menos ou a mais num prato, o incidente não deve ser neutralizado substituindo-se com algo mais delicado o conforto perdido, mimando-se assim o corpo e removendo o objetivo desta instituição; deve ser aproveitado para edificação espiritual das alunas, encorajando-as a demonstrar fortitude sob a privação temporária. (BRONTË, 1985, p. 80)

Outro personagem importante em Lowood era a Srta. Temple, uma das pessoas de quem Jane mais gostou em sua vida. Ela era uma professora da escola Lowood que ajudou e

foi carinhosa com Jane em momentos muito importantes da menina na instituição. Tão boa foi esta professora para com a protagonista, que foi recompensada na narrativa, fazendo um bom casamento com um pastor. Casou-se e deixou a escola, para ir morar com o marido e exercer as funções esperadas junto à comunidade e à casa paroquial. O fato da senhorita Temple largar a profissão para investir na função de esposa e futura mãe é mais uma vez característica das mulheres vitorianas. Assim como Bessie, como recompensa por sua bondade ela se torna um autêntico *Anjo do Lar*.

Helen Burns foi a melhor amiga de Jane, em Lowood e possivelmente em toda a vida. Menina séria, religiosa e introspectiva, de personalidade muito branda. Aos poucos, foi-se travando entre as duas meninas uma amizade profunda e verdadeira. Helen ficou gravemente doente e morreu em Lowood. Como a sua filosofia de vida era a de dar sempre a outra face, Helen era resignada e aceitava tudo por que passava. Apesar de admirá-la intensamente, o contato com Helen Burns parece ter mostrado a Jane o que pode acontecer com pessoas que são extremamente boas e não exercem o seu lado agressivo para se protegerem.

A Senhora Scatcherd representava um outro tipo de professora. Era muito rígida e seus métodos eram bem cruéis. Assim como o diretor da escola, ela usava os mandamentos da Igreja para encobrir e justificar as suas crueldades. Acredito que o exercício de sobreviver a professoras como ela tenha ajudado Jane a forjar sua têmpera e sua força, atributos que provaram ser úteis ao longo do desenvolvimento de sua história de vida.

2.1.3 THORNFIELD HALL

Ao deixar Lowood, Jane parte para uma propriedade chamada Thornfield, onde irá trabalhar como preceptora de uma menina, Adèle Varens, protegida do dono da casa, um certo Senhor Rochester, por quem aos poucos ela vai apaixonando-se. Ele é um homem misterioso e soturno, que guarda um segredo sinistro. Apesar de ser o senhor da mansão, Rochester era originalmente o segundo filho homem, aquele que não deveria herdar a propriedade. Aos dezenove anos, foi enviado para as Índias Ocidentais pela família, para lá fazer um casamento de conveniência com uma rica herdeira da República Dominicana, cujo dote era de trinta mil libras esterlinas. Aos poucos ele percebe que a moça é mentalmente perturbada, e o casamento se transforma em uma experiência horrível, a ponto de ele voltar para a Inglaterra,

trancar a esposa louca no sótão e fazer-se passar por solteiro durante anos a fio. Durante vários anos, ele leva uma vida errante e tem alguns casos com algumas mulheres. Entre elas, relaciona-se com uma dançarina francesa, Céline Varens, que tem uma filha que pode ser dele ou não. Rochester acaba ficando com a menina, e termina por apaixonar-se por Jane, que é a preceptora de Adèle.

Por detrás deste enredo rocambolésco, temos um exemplo de como também os homens são forçados a se movimentarem de acordo com o que a sociedade espera que seja o seu papel. Assim como as mulheres, o segundo filho de uma casa ancestral também não tem muitas opções. Ou ele faz um bom casamento, ou se torna administrador da propriedade do irmão, ou entra para a Igreja. Edward Rochester era o segundo filho da família, tendo herdado Thornfield após a morte de seu irmão Rowland. A decisão da família de mandá-lo para um casamento de interesses passava por cima de qualquer sentimento que Edward pudesse ter. O importante era não deixar o caçula sem bens. Ele, por sua vez, aceitou a tarefa – seja por inexperiência, seja pela esperança de que o casamento desse certo, seja pelo desejo de agradar à família. O resultado é muito negativo, ele teve a vida estragada e se viu constrangido a se tornar mais um exemplo da hipocrisia vitoriana, obcecado por esconder o seu segredo terrível.

Quando se vê apaixonado por Jane, Rochester não consegue decidir se lhe conta a verdade, se a manda embora, ou se casa com ela sem lhe contar que está cometendo bigamia. Enquanto não toma uma decisão, vai se protegendo dos fortes sentimentos que nutre por Jane enchendo a casa com um grupo de hóspedes convidados. Entre eles Blanche Ingram, uma mulher lindíssima, filha de um nobre falido. Como ela já está com vinte e sete anos, e devido às condições econômicas difíceis da família, Blanche aposta em um “*affair* de convenções” com Rochester. Apesar de ser retratada no romance como a adversária contra a qual Jane não tem como lutar, Blanche Ingram, a seu modo, não passa de mais uma vítima dos papéis de gênero, sendo forçada pelas circunstâncias a investir em um relacionamento com um homem pelo qual não está de fato apaixonada, mas que possui uma fortuna sólida o suficiente para lhe garantir um futuro seguro.

O amor que nasceu entre Jane (a preceptora/empregada) e Rochester (o patrão) devia ser também algo comum naquela época. Duas pessoas que se aproximam por força da necessidade e do trabalho podem, aos poucos, descobrir que possuem muitas afinidades. A concretização deste vínculo natural, todavia, seria considerada uma afronta enorme – mesmo que Rochester estivesse em condições de propor casamento à Jane.

Temos assim três personagens interessantes, cada um tratando de seus interesses. Jane se esforça para se manter trabalhando com dignidade, e para resistir às emoções cada vez mais

conturbadas que sente pelo patrão. Rochester se mantém enigmático, cabendo ao leitor interpretar seus atos e os motivos que os embasam. Blanche é retratada como um personagem de personalidade duvidosa, que procura resolver sua situação da forma como pode. Assim que fica sabendo sobre um boato (não verdadeiro) de que ele perdeu parte da fortuna, ela se afasta de Rochester imediatamente. Blanche, assim como outras jovens vitorianas de classe média e que já possuíam “certa idade,” não deixa de ser vista como vítima daquela sociedade. Afinal, havia uma pressão sobre ela para que se casasse logo e que se estabilizasse antes de sua irmã mais nova. Essa era a pressão sofrida pela maioria das jovens vitorianas no século XIX.

Blanche parecia modelada como uma Diana. Eu a olhava, é claro, com um interesse especial. Primeiro, queria ver se sua aparência correspondia à descrição da Sra. Fairfax; segundo, se se assemelhava de algum modo à miniatura de imaginação que eu pintara dela; e terceiro- tem de sair! – se era do tipo que eu imaginaria possível de corresponder ao gosto do Sr. Rochester. (BRONTË, 1985,p.212)

A Senhora Fairfax era a governanta de Thornfield Hall, e seu sobrenome era também o sobrenome do meio de Edward Fairfax Rochester. Isso evoca outro quadro muito comum naquela época, a situação de mulheres viúvas que não tinham como levar a vida depois da perda de seus esposos e – portanto – eram recebidas na casa de parentes mais abastados, onde passavam a exercer algum tipo de atividade remunerada para se manter com dignidade. Era uma senhora muito prestativa, mas algumas vezes metia-se aonde não devia, como no relacionamento de Jane com Rochester.

Adèle, a protegida do senhor Rochester, é mostrada no livro como uma francesinha que tinha todos os costumes da mãe (uma dançarina francesa). A forma como o personagem é delineado mostra muito da xenofobia inglesa que é muito visível nos textos de Brontë. Ela é trazida para a Inglaterra para “se purificar” e perder seus defeitos através de uma saudável educação britânica.

Não reconheci nenhum direito de Adèle a ser sustentada por mim, nem reconheço nenhum agora, pois não sou o pai dela; mas sabendo que estava muito abandonada, retirei a coitadinha do lodo e da lama de Paris e a transplantei para aqui, para criar-se limpa no íntegro solo de um jardim rural inglês. (BRONTË, 1985, p.180)

Não obstante o preconceito com o qual o personagem é delineado, Adèle era uma menina muito carinhosa e carente de afeto e atenção. Ela deixa transparecer aspectos importantes sobre aquele contexto, como por exemplo o apadrinhamento de nobres a crianças desprotegidas e frequentemente bastardas. Revela também o uso frequente de preceptoras nos lares vitorianos, mesmo em famílias bem estruturadas e completas, nas quais as esposas

contavam com preceptoras para educarem os seus filhos enquanto elas se ocupavam com outras atividades na função de *Anjos do Lar*.

2.1.4 MARSH END

Se na parte inicial do romance havia três primos ruins, na parte final Jane encontra seus três primos bons. Em Gateshead havia John Reed; em Marsh End, encontraremos Saint John Rivers. St. John é um jovem missionário totalmente dedicado a suas atividades religiosas e sociais. Apaixona-se por uma jovem nobre, porém, seus interesses são outros e ele acaba desistindo de seu amor para seguir sua vocação. Ao contrário do que fez o pai de Jane, casando-se com uma moça de estrato social superior ao seu, St. John se mantém orgulhosamente dentro de sua faixa e resiste ao que sente pela moça de quem gosta. Quando ele propõe casamento à prima Jane, fica claro novamente o teor de um casamento por convenções, tão comuns antigamente. Uma aliança de obrigações sociais mais do que um encontro amoroso. “O Sr. St. John, sentado tão quieto como um dos quadros nas paredes, mantendo os olhos fixos na página que lia, e os lábios mudamente selados – era bastante fácil de examinar. Fosse uma estátua, em vez de um homem, não poderia ser mais fácil”. (BRONTË, 1985, p. 420)

Diana e Mary, irmãs de St. John, eram moças boas e inteligentes, muito solidárias, grandes amigas e primas de Jane. Jovens como elas estavam fadadas a um destes possíveis destinos: ficar morando com a família, casar, ou trabalhar como tutoras ou preceptoras.

É possível perceber, através desta breve análise feita dos personagens de *Jane Eyre*, que todos se inserem em um ou outro segmento da sociedade vitoriana. Ou seja, ao contrário do que aponta Elizabeth Rigby, são representativos da era na qual a obra foi escrita e publicada, apesar de poucos entre os casos comentados se enquadrarem no papel que era esperado para uma mulher daquele tempo.

Nas seções seguintes, analisarei em separado dois personagens importantes neste romance, a protagonista, Jane Eyre, e Bertha Mason, a esposa louca que Rochester mantém escondida no sótão de Thornfield Hall. A análise se centra na representação de emoções que os personagens demonstram na obra e também em seus comportamentos peculiares dentro daquela sociedade extremamente patriarcal.

2.2 SANDRA GILBERT E SUSAN GUBAR: *Madwoman in the Attic* e *Bertha Mason*



Imagem 3:

Esta foto foi tirada em 1980, um ano depois de *Madwoman in the Attic* ser publicado.

Para me ajudar a mostrar que a protagonista *Jane Eyre* é produto da era em que foi concebida, conto aqui com a ajuda de duas pesquisadoras, Sandra Gilbert⁸ e Susan Gubar⁹. Elas pesquisam e estudam há décadas os gêneros em obras de autoras femininas, então nada mais propício do que contar com o auxílio delas para dar continuidade à minha análise.

O livro usado como apoio da pesquisa foi *Madwoman in the Attic*, em que há um capítulo clássico sobre *Jane Eyre*. O livro fala sobre a herança literária que as autoras femininas do século XIX deveriam ter, mas não possuíam. Simplesmente porque o universo literário na época era predominantemente masculino e as mulheres que quisessem destaque literário naquele contexto deveriam moldar-se de acordo com as regras vigentes. “Tanto na vida como na arte, como vimos, as artistas que estudamos foram literalmente e figurativamente confinadas. Fechadas dentro da arquitetura de uma sociedade predominantemente dominada por homens, essas construções literárias que Gertrude Stein chamava de ‘poesia patriarcal’”. (GILBERT/GUBAR, 2000, p. 11)¹⁰.

⁸ Nascida no dia 27 de Dezembro de 1936, Sandra Gilbert, é crítica e pesquisadora da área da literatura feminina. Lecionou em diversas universidades dos Estados Unidos, ganhou diversos prêmios por suas pesquisas especialmente as com coautoria de Susan Gubar.

⁹ Susan Gubar, nascida em 30 de Novembro de 1944, é professora na universidade de Indiana, nos Estados Unidos. Também pesquisadora e crítica literária de estudos feministas é parceira de Sandra em trabalhos reconhecidos mundialmente nessa área.

¹⁰ Tradução minha de: “Both in life and in art, we saw, the artists we studied were literally and figuratively confined. Enclosed in the architecture of an overwhelmingly male dominated society, these literary constructs of what Gertrude Stein was to call “patriarchal poetry”.

Elas defendem e analisam a literatura feminina em um século que era totalmente dominado por autores masculinos, o século XIX. Dentre as autoras analisadas, temos Jane Austen, Mary Shelley, Emily Brontë, Charlotte Brontë, George Eliot e Emily Dickinson. Cada capítulo do livro elas dedicam a uma análise. Na parte sobre *Jane Eyre* os temas do *Bildungsroman*¹¹, da inquietação e do alterego¹² são os mais discutidos.

Em *Madwoman in the Attic*, como em outras pesquisas de Sandra Gilbert e Susan Gubar, o personagem Bertha Mason é usado como exemplo de representação da inquietação, do diferente e da repressão da Era Vitoriana. Também é apresentado como um alterego de Jane Eyre naquele momento da obra. O próprio título do trabalho das autoras já afirma isso, “*Uma louca no sótão*”. Bertha Mason é um ser intrigante, a esposa louca que Rochester insiste em esconder da sociedade e especialmente de Jane. Mas o que faria uma mulher enlouquecer numa época como aquela? Existem diversas interpretações possíveis para o comportamento estranho deste personagem. Bertha era uma moça de origem europeia criada na República Dominicana que, por influência da família, recebeu a incumbência de casar com um jovem Inglês a quem não conhecia. De acordo com a narrativa de Rochester, a princípio, o encantamento foi mútuo; porém, com o tempo, ela começou a apresentar comportamentos agressivos, hostis e promíscuos, que foram explicados por Rochester como sendo loucura hereditária, já que a mãe de Bertha também agia daquela maneira. Qual foi a solução encontrada pelo jovem rapaz? Trancar a sua mulher em um sótão e deixá-la lá, esquecida para sempre.

As interpretações que podemos dar tanto para o comportamento de Bertha quanto para o de Rochester são diversas. O fato de ele trancá-la em um sótão, por apresentar comportamentos fora do padrão para uma mulher casada, pode também ser comparado à repressão sofrida por tantas mulheres casadas durante a era vitoriana que, afinal, viviam sob constante pressão. A busca de Rochester por uma mulher pura e inocente era a busca constante dos homens da época, vimos isso também na explicação que dei sobre o poema *The Angel in the House*, onde o homem sempre ressalta a divindade e pureza de sua mulher. O comportamento agressivo de Bertha poderia ser interpretado também como um grito, uma revolta perante todas as limitações impostas à ala feminina no século XIX. A representação de

¹¹Bildungsroman (palavra de origem alemã) significa romance de formação. O enredo vai se desenvolvendo e o protagonista vai amadurecendo com o decorrer da história. Jane Eyre é indiscutivelmente um romance de formação, um Bildungsroman.

¹²Alterego: termo usado por Freud para explicar o duplo que um sujeito pode ter ou assumir. É como se fosse um gêmeo imaginário com personalidade bem diferente. Conceito disponível em: <http://webpsicanalise.blogspot.com.br/2009/11/estrutura-do-psiquismo-em-construcao.html>. Acesso em: 05.11.2014.

Bertha também pode ser vista como um comportamento que as autoras do século XIX adotavam em suas obras perante a sociedade na qual estavam inseridas. A sensação de fúria, raiva e sentimento de inadequação que elas sentiam naquele século pode ser visivelmente representada por Bertha ou Jane na obra.

Assim como todas as outras sensações que a própria protagonista transmite ao leitor, está o sentimento de inquietação perante a sua condição de vida. Sua fúria, raiva e rebeldia contra tudo o que pudesse ser imposto a ela se faz presente desde o início do romance:

É inútil dizer que os seres humanos devem satisfazer-se com a tranquilidade: eles precisam de ação, e irão provocá-la, se não a puderem encontrar. Milhões estão condenados a um destino ainda mais estagnado que o meu, e milhões vivem em silenciosa revolta contra sua sina. Ninguém sabe quantas rebeliões fermentam nas massas de vida que povoam a terra. Supõe-se que as mulheres sejam geralmente muito calmas, mas as mulheres sentem exatamente como os homens – elas precisam de exercício para suas faculdades e de um campo para seus esforços, tanto quanto seus irmãos; elas sofrem de uma contenção rígida demais, de uma estagnação absoluta demais, precisamente como sofreriam os homens; e é tacanhice de seus semelhantes mais privilegiados dizer que elas devem limitar-se a fazer pudins e costurar meias, a tocar piano e bordar sacolas. É impensado condená-las ou rir delas quando buscam fazer mais ou aprender mais do que os costumes declararam ser necessário para seu sexo. (BRONTË, 1983 p.65)

Sendo assim, diversas interpretações no mundo literário são possíveis. O personagem Bertha, assim como Jane Eyre, pode ter representado várias naquele século de repressão e submissão feminina. Veremos a seguir se Charlotte Brontë confirma isso, se de fato os seus personagens eram usados como formas de protesto, como afirmam Sandra Gilbert e Susan Gubar.

2.3 CHARLOTTE BRONTË, ANJO DO LAR E A REPRESENTAÇÃO EM *JANE EYRE*



Imagem 4:

Retrato de Charlotte Brontë feito pelo artista George Richmond. *National Portrait Gallery*.

Avessas à publicidade pessoal, nós ocultamos nossos próprios nomes sob os de Currer, Elis e Acton Bell; a escolha ambígua foi ditada por um tipo de escrúpulo consciente em assumirmos nomes Cristãos positivamente masculinos, ao mesmo tempo, suspeitarmos que nosso modo de escrever e pensar não era o que é considerado feminino- nós tínhamos a vaga impressão de que autoras estão sujeitas a serem olhadas com preconceito; nós tínhamos percebido como os críticos, às vezes, usam, para puni-las, a arma da personalidade, e para gratificá-las, a adulação, que não é elogio verdadeiro (BELL, 1850, prefácio) ¹³

¹³ Prefácio publicado no livro *Wuthering Heights*, de Emily Bronte. A escritora Charlotte Brontë fez o prefácio do livro da irmã falecida e nele abordou o preconceito sofrido por ela e suas irmãs perante a literatura patriarcal daquele século.

Charlotte Brontë foi a última filha a morrer dentro da família Brontë (com 38 anos). Filha do pároco Patrick Brontë, Charlotte viveu uma vida comum a muitas mulheres vitorianas. Sua família não possuía grandes posses para que pudessem ter um casamento arranjado por convenções ou para que se dessem ao luxo de não trabalhar para se sustentar. Seu pai e sua mãe, Maria, enviaram suas filhas a colégios internos, o que resultou, por infortúnio do destino, na morte de duas dessas filhas, Maria e Elizabeth.

Charlotte passou boa parte da vida em uma cidadezinha de Yorkshire chamada Haworth, no norte da Inglaterra. Ela e os irmãos desde pequenos possuíam apreço pela literatura, criaram histórias com reinos imaginários quando crianças e, ao meu ver, literatura do mais alto nível quando adultos. Charlotte cresceu em plena era de repressão feminina, onde até mesmo na literatura as mulheres eram levadas a se esconder atrás de pseudônimos masculinos para que pudessem escrever suas obras.

Foi nessa época de repressões e desconfortos para a ala feminina que Charlotte escreveu sua obra prima, *Jane Eyre*. As autoras do século XIX não enxergavam outras formas de protestar contra o que sofriam pela sociedade que lhes era imposta que não fosse através da literatura. Podendo criticar a maneira como viviam e as situações e regras que lhes eram impostas, em seus livros, elas também poderiam atingir um número maior leitores “pensantes”. Ou seja, chamar a atenção de mais pessoas para o que elas estavam sendo submetidas na época.

O romance *Jane Eyre*, como já foi muito reiterado neste trabalho, foi alvo de críticas constantes principalmente por causa da protagonista que possuía. Jane era caracterizada por ser extremamente rebelde, independente e raivosa. Comportamento esse desaconselhável para as mulheres. No periódico *The Quarterly Review*, Elizabeth Rigby ataca diversos pontos do romance, especialmente ligados à protagonista e sua maneira de transmitir o que pensa, e seus sentimentos, ao leitor. Rigby, com estas críticas, só dá voz ao que provavelmente outras pessoas e críticos moralistas na época achavam do romance: “A pequena Jane, com seus olhos afiados e discursos dogmáticos, é um ser que por quem não se poderia ter carinho nem amor. Há uma dureza em sua seriedade infantil, e uma precocidade rancorosa no seu raciocínio, que repele toda a nossa simpatia”. (QUARTERLY REVIEW, 1848).¹⁴

Mas não era somente em *Jane Eyre* que as críticas pairavam sobre Charlotte Brontë. A autora já era conhecida por não saber representar emoções em suas obras. Harriet

¹⁴Tradução minha de: “*The little Jane, with her sharp eyes and dogmatic speeches, is a being you neither could fondle nor love. There is a hardness in her infantine earnestness, and a spiteful precocity in her reasoning, which repulses all our sympathy*”

Martineau, em 1853, escreveu uma crítica à autora acerca do romance *Villette*, na qual critica claramente a incapacidade de Brontë em reconhecer que deveria respeitar os limites que aquela sociedade impunha as autoras da época. Segundo Sandra Maggio (1989),

Para os parâmetros da época, o depoimento de Miss Martineau funcionava como atenuante face à transgressão do código de silêncio e resignação por parte de uma escritora cuja obra ignora os limites de decoro permitido pelos valores de sua época. (MAGGIO, 1989).

Sandra Gilbert e Susan Gubar defendiam que todas essas emoções caracterizadas em *Jane Eyre* nada mais eram do que a própria autora Charlotte Brontë tomando partido perante problemas que acometiam as mulheres vitorianas no século XIX: a repressão, a falta de liberdade, o sufocamento sofrido diante daquela sociedade.

A autora foi criada em uma família intelectualmente rica, mas economicamente pobre, não possuindo dotes para que pudesse casar. Teve então que se tornar preceptora para que pudesse se sustentar e ajudar em casa. Em um artigo de Maria Raquel Pereira (2010), é dito que: “Charlotte foi governanta em uma família rica, suas experiências de vida e a visão que tinha de mundo serviram como inspiração para a criação de um dos personagens femininos mais intrigantes da literatura inglesa.” (PEREIRA, 2010). O personagem Jane Eyre pode ir contra o estereótipo feminino criado pela sociedade vitoriana, mas isso não quer dizer que não as represente. Até mesmo porque Charlotte Brontë seguia também padrões vitorianos, e talvez por isso mesmo não podia calar-se perante tamanha repressão. Como afirmei anteriormente, existiam vários tipos de mulheres, as que lutavam por direitos iguais, as que não seguiam padrões e as que os seguiam porque talvez fossem obrigadas a segui-los para não serem vistas como diferentes ou ameaças. Qualquer que fosse a perturbação à ordem deveria ser combatido e duramente criticado para que acabasse logo.

Jane Eyre representa a total revolta e crítica contra a mulher *Anjo do Lar*. Por outro lado, representa muito bem outros tipos de mulher, Charlotte Brontë entre elas, uma autora vitoriana que se sentia triste pelas poucas oportunidades que teve na vida por ser mulher, por não poder adotar o próprio nome em suas obras, por ter que viver de maneira tão regrada e porque sabia que tudo que fugisse dessas regras era visto como errado ou inaceitável. Estes sentimentos, que faziam parte da vida da autora e, provavelmente, da vida de outras milhares de mulheres, foram transpostos para *Jane Eyre*. Ela usou a literatura, através de um pseudônimo masculino, para realizar um desabafo sobre a opressão em que viviam em pleno século XIX.

Como afirmei anteriormente, Martineau criticou *Villette* porque a autora, como de costume, ia contra qualquer estereótipo literário da época. Charlotte não tinha medo de expor o que pensava e defender suas causas, ao contrário dos críticos vitorianos, que se sentiam acomodados naquela sociedade e não viam motivos para protestar.

Portanto, a intenção sincera de enriquecer e de edificar o leitor, de agradar à família, aos amigos e à crítica, de não desgostar a sociedade, tudo cai por terra assim que o comprometimento com o “dom da criação” é mencionado. Esta é, em última análise, a grande diferença entre Martineau e Brontë, que parecem ocupar posições simétricas neste jogo vitoriano de valores. A primeira, bem sucedida em um universo masculino, presta sua contribuição para com o sistema ao tornar-se portavoza de um discurso patriarcal. A segunda, uma anônima puritana, transcende o código do silêncio e torna-se a transgressora ao proceder à tomada da palavra. (MAGGIO, 1989)

Então, a partir da citação de Maggio, pode-se concluir que o diferente, e o “novo”, muitas vezes pode incomodar quem está na sua zona de conforto. Os críticos do século XIX viviam bem naquela sociedade, e tudo o que pudesse abalar aquela estabilidade era vista como ameaça.

CONCLUSÃO

Os seres humanos jamais gozam de completa felicidade neste mundo. Não nasci para um destino diferente do resto de minha espécie: Imaginar que uma tal sorte me caberá é um conto de fadas...Sonhar acordada.

Charlotte Brontë, *Jane Eyre*

O romance *Jane Eyre* sofreu diversas críticas duras e injustas em sua publicação. A autora Charlotte Brontë foi massacrada pelos críticos literários da época, sob o argumento que o livro não retratava o etos do período Vitoriano, no qual havia sido escrito e publicado. Espero haver comprovado com minha análise, durante a explanação deste trabalho, que essas críticas não procedem.

No início da argumentação, busquei apresentar as ligações existentes entre as práticas sociais e o contexto histórico da Era Vitoriana com o comportamento esperado das pessoas, especialmente com respeito à importância que tinham o casamento e a instituição familiar naquela época. Foi dentro dessas duas instituições que nasceu a ideia do *Anjo do Lar*, uma imagem base estereotipada que carregou consigo toda uma postura ética e moral que deveria ser respeitada e que – quando confrontada – imporia represálias muito duras. Quando Charlotte Brontë teve seu romance *Jane Eyre* publicado, descobriu, através da reação dos críticos literários, que a obra afrontava aqueles parâmetros e, portanto, dava um mau exemplo às mulheres da época. Como pudemos ver no desenvolvimento deste trabalho, a Era Vitoriana foi uma época revolucionária em diversos pontos, até mesmo no fortalecimento do movimento feminista. Todavia, em sua propaganda ostensiva de defesa dos valores morais tradicionais, o que era pregado era um rigor extremo no comportamento e nas práticas sociais. O meu intuito nesta parte inicial do trabalho foi mostrar a distância que existia entre o quadro de harmonia e perfeição que era propagandeado e outras realidades que transpareciam, por exemplo, as que são retratadas no romance de Brontë. Essas outras realidades revelam que havia motivos sim para protestos muito sérios.

Na parte seguinte do trabalho, apresentei e comentei a recepção dos críticos vitorianos da obra *Jane Eyre*. Dei destaque à crítica feita por Elizabeth Rigby que, além de encontrar vários outros defeitos no romance, foi especialmente dura na análise da protagonista, que – segundo ela – representava uma influência maléfica para as jovens leitoras daquela sociedade. Essas críticas davam a entender que o personagem Jane Eyre não representava de nenhum

modo a juventude feminina da Era Vitoriana, e que deveria causar extrema repulsa à todos que liam o romance.

À revelia das palavras de Rigby, o que ocorreu foi que a primeira edição de *Jane Eyre* se esgotou em dois meses. Isso deve significar que pessoas compraram e leram o livro, por algum motivo. O que indica que ele não estava tão longe assim dos interesses e dos problemas da época em que foi escrito.

Para reforçar minhas hipóteses, busquei comentar diversos personagens da obra, apresentando suas características e traçando algumas considerações sobre a forma como se relacionavam ao que se esperava dos papéis de gênero, naquele contexto. Concluí que todos os personagens do livro *Jane Eyre*, sem exceção, possuem marcas e traços vitorianos. O que já vai de encontro às críticas de Elizabeth Rigby, que declara que este romance não traduz o período histórico no qual foi escrito. Com relação à representação das emoções, resolvi analisar dois personagens significativos na obra, Jane Eyre e Bertha Mason, ligando-os ao que se esperava deles com relação aos papéis no casamento e na família. Trouxe a figura do *Anjo do Lar* para, ao mesmo tempo, fazer um contraponto e buscar semelhanças com a figura de Jane Eyre. Acabei concluindo que nenhum personagem no romance representa essa figura de *Anjo do Lar*. O que temos é uma galeria de mulheres desmerecidas porque não conseguiram, ou não se esforçaram o suficiente, para se adequar àquele padrão. Este é um romance sobre as mulheres que não conseguiram satisfazer este requisito. As que conseguem, quando conseguem, são apagadas do romance, como Miss Temple – que depois de casada deve ter-se tornado uma dona de casa exemplar, com obrigações a cumprir para com o marido, a família e a comunidade. O mesmo ocorrendo com Diana e Mary. E com Jane, mas somente após o término do romance.

Para me auxiliar na análise desta situação intrigante, recorri ao duo de pesquisadoras Sandra Gilbert e Susan Gubar, que centram seu estudo nas relações que podem ser identificadas entre os personagens Jane Eyre e Bertha Mason, que para elas representam o alterego uma da outra. Em graus diferentes, ambas representam a sensação de sufocamento sentida por mulheres obrigadas a cumprir um papel determinado. Algumas não têm na sua natureza seguir por esses caminhos; outras tentam e não conseguem, por impedimentos vários. Os gritos que Bertha emitia, a revolta e fúria da pequena Jane perante as injustiças sofridas por ela desde o começo do livro, dão voz à situação de uma infinidade de mulheres do século XIX. Essas emoções não são reprimidas na obra, são traduzidas para a esfera da literatura, servindo como documentos de uma realidade que era silenciada e ignorada. Não é novidade que a literatura sempre foi usada como modo de protestos, pleiteando liberdade de

expressão e sentimentos por parte de autores de todas as épocas. É muito difícil achar um significado exato para a Literatura, Sérgio Gonzaga utilizando-se de referências como por exemplo, Gabriel Garcia Márquez e Alfonso Reyes, chegou a essa conclusão totalizadora: “Um conjunto de obras que, valendo-se da ficção (ou não), expressa a visão particular do escritor e apresenta ações, ideias e sentimentos humanos singulares mediante uma linguagem específica, cujo propósito é a beleza artística” (GONZAGA, 2010, p. 11).

No meu ponto de vista, Literatura é, liberdade, é voz, não importa de que maneira ela seja exposta. E essa liberdade, naquele período, era controlada. A literatura era dominada, assim como a maioria dos “setores” daquela sociedade, por uma atitude masculina. A repressão era grande. Uma prova disso é que tanto Charlotte Brontë quanto suas irmãs tiveram que usar de heterônimos¹⁵ para publicarem suas obras, pois o ofício de escrever não era apropriado a moças de boa família naquela época.

Com este trabalho pude percorrer a fundo este romance tão representativo e lindo do século XIX. Pude ler mais sobre Charlotte Brontë e sobre sua história de vida, pude conhecer o ambiente em que ela se criou e escreveu a maior parte de suas obras. Pude encontrar de onde ela tirou suas inspirações e melancolias. E isso tudo através da literatura, essa ferramenta mágica que nos remete a diversas interpretações possíveis de um assunto. E por ser essa ferramenta tão mágica, *Jane Eyre* e seus personagens puderam ter interpretações diversas durante tanto tempo por críticos vitorianos ou não.

Com base em toda a pesquisa feita e análises apresentadas neste trabalho, concluo que os papéis de gênero neste romance são fortes, inigualáveis e representativos de um período. A protagonista, através de sua revolta e rebeldia, batia de frente com a sociedade opressora que enfrentava. Os outros personagens da obra representam diferentes papéis e posicionamentos através de suas ações, suas personalidades e destinos. Ou seja, dizer que este romance não representa a era no qual foi concebido é totalmente inapropriado.

A Era Vitoriana foi um período de evolução, contraditoriamente moralista e avançado ao mesmo tempo. Um período com todos os tipos de homens e mulheres, que possuíam também diversos tipos de pensamentos e sentimentos perante aquela sociedade. E isso ficou bem evidente analisando a recepção que o romance teve durante aquele século. Porém, o tempo muda e algumas percepções também. Na minha interpretação, não poderia haver romance mais intrigante e apaixonante do que *Jane Eyre*. Uma obra que abarca diversos universos, com vários assuntos para serem explorados e com uma linda história de amor e

¹⁵ Charlotte Brontë: Currer Bell, Anne Brontë: Acton Bell e Emily Brontë: Ellis Bell.

superação. Agradeço a Charlotte Brontë por não ter se abatido com as críticas e ter continuado com suas obras. A minha recepção acerca da obra dela, no século XXI, não poderia ter sido melhor.

REFERÊNCIAS

- BARKER, Juliet. *The Brontës*. New York: St. Martin's Press, 1994.
- BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre*. Tradução de ...Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- BRONTË, Emily. *O Morro dos Ventos Uivantes*. Epígrafe. Disponível em: catherine161.blogspot.com.br/2010/11/o-morro-dos-ventos-uivantes-emily_2406.html
Acesso em : 05.11.2014
- FUNCK, Élvio. *Breve História da Inglaterra*. Porto Alegre: Movimento/ EDUNISC, 2012.
- GASKELL, Elizabeth. *The Life of Charlotte Brontë*. Penguin Books: London, 1975.
- GILBERT, Sandra & GUBAR, Susan. *The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-century Literary Imagination*. New Haven, Conn.: Yale University Press, 1978.
- GONZAGA, Sérgio. *Curso de Literatura Brasileira*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2010.
- JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura Como Provocação à Teoria Literária*. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1979.
- MACFARLANE, Alan. *História do Casamento e do Amor. Inglaterra, 1300-1840*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- MAGGIO, S S. *Parâmetros da Crítica Vitoriana: Uma Construção*. In: Anais do 3º Seminário Nacional Mulher e Literatura. Florianópolis: UFSC, 1989.
- MONTEIRO, M C. *Condições da Mulher no Espaço Vitoriano*. In: Seminário Nacional Mulher e Literatura. EdUFF: Niterói, 1999.
- MONTEIRO, M C. *Figuras Errantes na Época Vitoriana: A Preceptora, a Prostituta e a Louca*. Revista Fragmentos, V.8, No I, Jul- Dez., 1998, UFSC e In Revista Brasil de Literatura, Internet, 1998.
- PATMORE, Coventry. *Classic Poetry Series*. PoemHunter.com- The World's Poetry Archive, 2012. Na web: www.gutenberg.org/files/4099/4099-h/4099-h.htm.
- PEREIRA, Maria Raquel. *A Mulher na Sociedade Vitoriana*. 2010. Disponível em: www.webartigos.com/artigos/a-mulher-na-sociedade-vitoriana/52298/> Acesso em: 05.11.2014

RIBAS, Marcos Maciel. *Entendendo o Sistema Educacional Vitoriano: Realidade e Ficção em Jane Eyre e Oliver Twist*. UFRGS, 2010 .

RIGBY, E. *A review of "Vanity Fair" and "Jane Eyre"*. In: *The London Quarterly Review*, No. CLXVII, December, 1848, pp. 82-99.* Reprinted in *Nineteenth-Century Literature Criticism*, Vol. 3.

VICTORIANWeb:Disponívelem:

www.poemhunter.com/i/ebooks/pdf/coventry_patmore_2012_3.pdf>. Acesso em: 05.11.2014

REFERÊNCIA DE IMAGENS

Imagem 1: Quadro do artista Irlandês John O' Brien pg.14

Disponível em: <http://quadroseretratos.wordpress.com/2012/03/22/a-mulher-na-era-vitoriana/>

Acesso: 04/11/2014

Imagem 2: Imagem do filme *Jane Eyre* (2011)_pg.19

Disponível em: <http://www.gosto-disto.com/2011/08/jane-eyre.html>

Acesso: 04/11/2014

Imagem 3: Foto de Sandra e Susan pg.27

Disponível em: http://dateline.ucdavis.edu/dl_detail.lasso?id=14368

Acesso: 04/11/2014

Imagem 4: Foto de Charlotte Brontë pg.30

Disponível em:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Charlotte_Bront%C3%AB#mediaviewer/File:CBRichmond.png

Acesso: 04/11/2014

ANEXO

*The Angel in the House**(epígrafe: trecho completo¹⁶)*

CANTO III.

Honorina

PRELUDES.

I.**The Lover.**

HE meets, by heavenly chance express,
 The destined maid; some hidden hand
 Unveils to him that loveliness
 Which others cannot understand.
 His merits in her presence grow,
 To match the promise in her eyes,
 And round her happy footsteps blow
 The authentic airs of Paradise.
 For joy of her he cannot sleep;
 Her beauty haunts him all the night;
 It melts his heart, it makes him weep
 For wonder, worship, and delight.
 O, paradox of love, he longs,
 Most humble when he most aspires,
 To suffer scorn and cruel wrongs
 From her he honours and desires.
 Her graces make him rich, and ask
 No guerdon; this imperial style
 Affronts him; he disdains to bask,
 The pensioner of her priceless smile.
 He prays for some hard thing to do,

¹⁶ Fonte da internet para acesso ao poema completo: www.gutenberg.org/files/4099/4099-h/4099-h.htm

Some work of fame and labour immense,
To stretch the languid bulk and thew
Of love's fresh-born magnipotence.
No smallest boon were bought too dear,
Though barter'd for his love-sick life;
Yet trusts he, with undaunted cheer,
To vanquish heaven, and call her Wife
He notes how queens of sweetness still
Neglect their crowns, and stoop to mate;
How, self-consign'd with lavish will,
They ask but love proportionate;
How swift pursuit by small degrees,
Love's tactic, works like miracle;
How valour, clothed in courtesies,
Brings down the haughtiest citadel;
And therefore, though he merits not
To kiss the braid upon her skirt,
His hope, discouraged ne'er a jot,
Out-soars all possible desert.